

## **O QUE OS PAIS FALAM SOBRE SUAS HABILIDADES SOCIAIS E DE SEUS FILHOS?**

**ALESSANDRA TURINI BOLSONI-SILVA<sup>\*</sup>  
DEL PRETTE, ALMIR DEL PRETTE<sup>\*\*</sup>**

### **RESUMO**

*A forma como os pais educam seus filhos parece influenciar no surgimento de comportamentos adequados ou "inadequados" em seus filhos. A presente pesquisa tem por objetivos: a) comparar características de relacionamento pais-filhos de duas amostras: pais que possuem filhos com indicação escolar de problemas de comportamento (IPC) e pais que possuem filhos com indicação escolar de comportamentos socialmente adequados (ICSA); b) examinar eventuais relações entre indicadores comportamentais de problemas de comportamento das crianças e habilidades sociais educativas de seus pais (HSE); c) comparar possíveis HSE dos pais na prevenção e remediação de problemas de comportamento dos filhos e d) analisar características do relacionamento mãe-filho e pai-filho. A coleta de dados foi conduzida através de entrevistas estruturadas com 10 familiares (5 pais/mães IPC e 5 pais/mães ICSA) de crianças com 6 anos de idade, matriculadas em 6 escolas EMEIS da cidade de São Carlos. Os dados foram categorizados e analisados qualitativamente para comparar os grupos IPC e ICSA. De forma geral, a presente pesquisa sugere que pais com mais HSE possuem filhos com repertório social mais adequado e, ao contrário, pais com maiores dificuldades interpessoais reconhecem mais indicadores de problemas de comportamento em seus filhos.*

Palavras chaves: *relacionamento pais-filhos, educação, problemas de comportamento, comportamentos socialmente adequados, habilidades sociais.*

### **ABSTRACT**

*How parents were raised and the influence of new patterns of social relationships can create difficulties for parents in raising their children, which may then be reflected in the child's relationship with others. The aims of this research were: a) to compare characteristics of the relationship between parents and children in two samples: parents that had children whose schools evaluated them as having behavior problem indicators (BPI) and parents that had children whose schools evaluated them as having appropriate social behavior indicators (ASBI); b) to examine possible relationships between the child's problem behavior indicators and educational social skills (ESS); c) to compare the possible role the parents' ESS has in the prevention and elimination of child behavior problems and d) to analyze the characteristics of the mother-child relationship and the father-child relationship. Data were collected by conducting structured*

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa é parte de um projeto mais abrangente, que resultou na dissertação de mestrado da primeira autora, sob a orientação do segundo autor.

<sup>\*</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP - Campus Ribeirão Preto). Professora do Departamento de Psicologia da Faculdade de Cida Universidade Estadual Paulista (UNESP – Campus Bauru).

<sup>\*\*</sup> Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

*interviews with 5 BPI fathers and mothers and 5 ASBI fathers and mothers of families with 6 year old children. These children were enrolled in 6 EMEIS schools in São Carlos. These data were categorized, analyzed qualitatively to verify differences between the BPI and ASBI groups. In general, this study suggests that parents with a greater number of ESS have children with more appropriate social repertoires and parents with interpersonal difficulties, observe more behavior problem indicators in their children.*

Key words: *father-child relationship, education, problem behavior, educational social skills, social skills.*

Este artigo apresenta um estudo descritivo sobre a realidade das práticas educativas e dos relacionamentos entre pais e filhos, no contexto brasileiro. A hipótese existente é a de que pais socialmente habilidosos são capazes de priorizar e manter práticas educativas positivas, procurando oferecer carinho e atenção essenciais ao desenvolvimento dos filhos, sem contudo se esquecerem de estabelecer os limites necessários. Por outro lado, pais que possuem dificuldades interpessoais oferecem modelos de comportamentos inadequados e podem inadvertidamente contribuir para o aparecimento de “problemas de comportamento”. Indicadores de problemas de comportamento são considerados como déficits ou excedentes comportamentais que prejudicam a interação da criança com pares e adultos de sua convivência.

É possível identificar vários determinantes para os problemas de comportamento, apontados por diversos autores, tais como Patterson, DeBaryshe e Ramsey (1989), CID-10 (1993), Briosio e Sarrià (1995), Conte (1997), Kaiser e Hester (1997), Kaplan, Sadock e Grebb (1997), Ingberman (1997) e Webster-Stratton (1997). De uma forma global estes autores apontam para a existência de uma ligação entre práticas educativas e comportamento anti-social dos filhos, à medida que as famílias estimulam estes comportamentos por meio de disciplina inconsistente, pouca interação positiva, pouco monitoramento e supervisão insuficiente das atividades da criança.

As crianças não vão passar a se comportar adequadamente (desejo dos pais) através do uso de coerção. A aquisição de “bons” comportamentos deve ocorrer diante do uso de reforçamento positivo. O uso de punições, como afirmam Skinner (1993) e Sidman (1995), além de não resolver os problemas de comportamento, leva a ressentimentos e ao afastamento das crianças de seus pais, comprometendo o relacionamento de amizade e cooperação que deveria ocorrer, além de favorecer o surgimento de problemas na vida adulta e mesmo infantil, tais como baixas auto-estima, autoconfiança e pouca flexibilidade comportamental diante das dificuldades encontradas no cotidiano.

Alguns estudos (Briosio & Sarrià, 1995; Webster-Stratton, 1997 e Conte, 1997) indicam que quando os pais usam estratégias de controle não punitivas, favorecem a aquisição e internalização de normas, autocontrole e há menos probabilidade de

surgimento de comportamentos agressivos, favorecendo o desenvolvimento de comportamentos socialmente adequados. Desta forma, torna-se imprescindível que os pais alterem suas práticas educativas a fim de promoverem repertório socialmente adequado em seus filhos.

O estudo de Habilidades Sociais Educativas (HSE – Silva, 2000) de pais que favorecem comportamentos socialmente adequados nos filhos é importante para o entendimento de quais HSE precisam ser instaladas ou fortalecidas nos pais de filhos com indicativos de problemas de comportamento para que, enquanto pára-profissionais, os pais possam reduzir ou mesmo eliminar os comportamentos tidos como inadequados dos filhos. Ao mesmo tempo, é importante levantar quais são os comportamentos parentais que estão favorecendo o surgimento e manutenção de comportamentos considerados inadequados dos filhos, bem como suas Habilidades Sociais Educativas, de forma a verificar quais comportamentos parentais devem reduzir de freqüência e quais devem ser fortalecidos ou instalados, para a melhoria do relacionamento pais-filhos e redução dos problemas de comportamento dos filhos.

A presente pesquisa tem por objetivos: a) comparar características de relacionamento entre pais e filhos de duas amostras: pais que possuem filhos com indicação escolar de problemas de comportamento (IPC) e pais que possuem filhos sem indicação escolar de problemas de comportamento (ICSA); b) examinar eventuais relações entre indicadores comportamentais de problemas de comportamento dos filhos e habilidades sociais educativas de seus pais (HSE); c) analisar possíveis HSE dos pais na prevenção e remediação de problemas de comportamento dos filhos; d) comparar características do relacionamento mãe-filho características do relacionamento pai-filho.

## **METODOLOGIA**

### **Sujeitos:**

Participaram deste estudo vinte pais (mãe/pai) de crianças com a idade de seis anos, matriculadas em seis Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS) da cidade de São Carlos.

### **Materiais:**

Os materiais utilizados na coleta de dados foram um gravador Panasonic RQ-L309 e fitas cassetes.

### **Instrumentos:**

Para a coleta dos dados foi elaborado um roteiro de entrevista que investigou, num primeiro momento, HSE dos pais, tais como manter diálogo, expressar sentimentos e opiniões, colocar limites e consistência entre o casal. Para cada uma das habilidades foram verificados os sentimentos dos pais e as reações das crianças.

Num segundo momento, em relação às interações no âmbito familiar, investigou-se o relacionamento com irmãos, o repertório socialmente adequado e os indicativos de problema de comportamento da criança com 6 anos de idade. Para cada comportamento investigado, verificou-se a situação e a reação do pai e da mãe e quando possível também foi investigada a frequência do comportamento, em geral dos indicativos de problemas de comportamento.

#### **Procedimentos de coleta de dados:**

Os passos de coleta de dados consistiram em: a) escolha de dez casais, cinco pais de crianças IPC e cinco pais de crianças ICOSA; b) contato, por telefone, com os pais selecionados, para agendar a entrevista na residência dos participantes; c) visita às residências (local da entrevista), onde foram explicitados novamente os objetivos do trabalho, solicitando-se o consentimento e assinatura de uma carta de aceitação e d) realização das entrevistas, com ambos cônjuges individualmente, dando ao final das entrevistas, os devidos agradecimentos e endereço para contato posterior.

#### **Procedimentos de tratamento e análise de dados:**

Para o tratamento e análise das entrevistas, primeiramente foi realizada transcrição integral e em seguida realizada análise de conteúdo (Bardin, 1977). A ordem para a realização da análise de conteúdo foi: a) leitura das transcrições, sem preocupação com a categorização; b) identificação de classes temáticas ou comportamentais, considerando as HSE para o repertório dos pais e os indicadores de PC e de CSA para o repertório comportamental dos filhos; c) seleção de código aposto nos recortes; d) categorização de classes de ações. Para cada habilidade social educativa (HSE) foi avaliada a adequação ou não, considerando a situação de ocorrência, os sentimentos envolvidos e as reações dos pais.

## **RESULTADOS**

#### **Habilidades sociais dos pais:**

As habilidades sociais investigadas são: *conversar, expressar sentimentos, expressar opiniões e cumprir promessas.*

Os pais de ambos grupos relataram *conversar* com os filhos a respeito da escola e sobre concepções de certo/errado. Estes resultados sugerem que crianças IPC apresentavam maiores dificuldades escolares e assim requeriam maior monitoramento dos pais. Já o grupo ICOSA preocupava-se mais em ensinar regras de convívio social, sem contudo deixar de perguntar sobre a escola. Este dado é respaldado pela literatura, como por exemplo De Rose (1999), Trivelatto e Marturano (1999) e Kaiser e Hester (1997) que apontam a co-ocorrência entre problemas de comportamento e dificuldades de aprendizagem.

A maioria dos participantes relatou *expressar sentimentos* a seus filhos, com

exceção de dois pais. Ao questionar a natureza dos sentimentos expressados, mais da metade da amostra relatou expressar tanto sentimentos positivos quanto negativos, o que parece ser socialmente adequado. Um número maior de participantes ICSA relatou expressar ambos sentimentos e de maneira espontânea.

Ao comparar os grupos percebeu-se que no grupo ICSA houve um maior número de participantes que falaram *expressar opiniões* a seus filhos. Ambos grupos relataram expressar opiniões frente a concepções de certo e errado, sendo possível que o façam para colocar limites, impor próprias opiniões mais do que para compartilhar idéias, o que seria ideal para favorecer uma aproximação entre pais e filhos. Assim, é provável que os pais, ao expressar opiniões, não o fizessem de forma socialmente adequada, considerando ouvindo os filhos e considerando suas opiniões.

A maioria dos participantes, de ambos grupos, relatou *cumprir promessas* feitas aos filhos. Quando questionados sobre a existência de situações difíceis para o cumprimento das promessas, cinco participantes IPC relataram encontrar dificuldades para cumprir promessas. Ao contrário, no grupo ICSA, 90% dos respondentes relataram não encontrar tais dificuldades.

### **Noções que os pais possuem da educação:**

Neste tópico são discutidos dados referentes ao *conceito dos pais sobre a educação dos filhos, à concordância e participação do casal na educação dos filhos*.

Os participantes ICSA consideravam que para os *filhos serem bem educados* tinham quer ter estudo e respeito por pessoas e animais, já a maioria dos pais IPC achavam que os filhos tinham que ser comportado/educado.

A maioria do grupo IPC relatou não haver *concordância* entre o casal ou haver concordância apenas em parte quanto à educação do filho, ao contrário, do grupo ICSA, que, em sua maior parte, afirmou haver concordância entre o casal, indicando a possibilidade de que os pais ICSA eram mais consistentes que os IPC frente às práticas educativas. A concordância do casal ocorria quando um cônjuge chamava atenção do filho e o outro não se intrometia ou então quando o casal conversava para tomar decisões em relação ao filho. As discordâncias dos casais são mais apontadas pelo grupo IPC e referiam-se à agressividade do cônjuge (cerca de 35%) e à divergência de opiniões quanto à prática educativa (55%).

A maioria do grupo IPC apontou a participação da mãe na educação do filho como maior que a do pai, já grande parte de ICSA (aproximadamente 60%) relatou ocorrer a participação de ambos progenitores na educação do filho, pois dividiam tarefas e/ou passavam o mesmo tempo com o filho.

### **As estratégias que os pais utilizam na educação:**

Os relatos dos pais mostraram que ambos grupos, em sua totalidade, consideravam importante *estabelecer limites* para os comportamentos dos filhos, de forma

a garantir que se comportassem adequadamente. Os participantes apontaram diversas situações em que eram necessários limites, porém um número maior de pais colocavam limites frente a brincadeiras, alimentação, mexer em objetos/lugares proibidos e brigas com irmãos e/ou colegas. A maioria dos participantes responderam que ora sentem-se bem e ora sentem-se mal quando colocavam limites, indicando que em ambos grupos os pais ora utilizavam métodos positivos e ora estratégias punitivas. Conforme vários autores, como Sidman (1995) e Skinner (1993/1953) é natural o surgimento de sentimentos de culpa e/ou arrependimento frente a utilização de punição. A maioria dos pais relataram que mesmo sentindo-se mal não voltavam atrás ou então quando a criança estava dormindo, procuravam dar um beijo, ou fazerem as pazes, de forma a sentirem-se mais aliviados. Quando questionados sobre quais as reações dos filhos, após o estabelecimento de limites, observou-se que grande parte dos pais consideravam que os filhos obedeciam, mas manifestando simultaneamente reações negativas, tais como fazer birras, chorar, xingar, ficar emburrado, ficar bravo e agitado, ficar triste, ignorar e demonstrar medo, indicando que a obediência dos filhos ocorria mais por medo de serem punidos ou por consequência da punição do que propriamente por perceberem que agiram errado ou por quererem cooperar com os pais.

Os dados mostraram que os pais IPC e ICSA utilizavam, semelhantemente, diversas estratégias para garantir que os filhos fizessem o que desejavam, tanto coercitivas (grita/fica bravo, ameaça, coloca de castigo e bate), como menos coercitivas (oferece algo em troca, pega pela mão e obriga a fazer e chama pelo(a) cônjuge) e não coercitivas (conversa e pede).

### **Como os pais percebem seus filhos:**

Os pais foram questionados ainda a respeito de *comportamentos adequados dos filhos*, à *auto-avaliação quanto a erros cometidos*, à *avaliação sobre o relacionamento do filho com os irmãos e o tempo em que ficavam com os filhos*.

Os resultados apontam que ambos grupos foram capazes de identificar *comportamentos positivos* em seus filhos, o que é pré-requisito para fortalecer repertórios positivos e enfraquecer comportamentos tidos como inadequados. No entanto, ao comparar os relatos de mães e pais percebeu-se que as mães, de ambos grupos, foram capazes de identificar um maior número de comportamentos adequados dos filhos que os pais, porém no caso de ICSA esta diferença foi pequena. Os pais, de ambos grupos, procuravam expressar contentamento frente a comportamentos adequados dos filhos, no entanto, a maioria dos participantes, relatou expressar contentamento de forma indireta, convidando para sair ou então permitindo a expressão do filho, sem contudo dizerem claramente quais comportamentos dos filhos foram adequados.

Os participantes, na grande maioria, arrependem-se, pelo menos uma vez, de terem agido de forma excessivamente agressiva com o filho, mas não consideravam ter agido de forma errada, apesar de alguns pais procurarem posteriormente

pedir desculpas (25%) ou agradecer o filho (apenas 15%), como forma de minimizar a culpa.

O *relacionamento com os irmãos* foi percebido por 40% dos pais como bom ou bom em parte por 30% deles. Ambos grupos relataram a existência de rivalidade e/ou ciúmes entre os irmãos, desde pequenos atritos até agressões físicas pela disputa de brinquedos e/ou atenção, o que é esperado considerando-se o estilo de educação que não valoriza o dividir brinquedos ou atenção e, ainda, por ensaiarem comportamentos de enfrentamento em situações cuja aversividade é razoavelmente controlada e prevista.

Finalmente, em relação ao *tempo que os pais ficam com os filhos* foi possível encontrar algumas diferenças entre os grupos. Todas as mães IPC, um pai IPC, três mães ICSA e um pai ICSA ficavam com os filhos durante todo tempo, com exceção do período escolar. Outros pais (25%) relataram ficar com o filho durante um período por dia (manhã, tarde ou noite). Os demais relataram ficar com os filhos durante apenas duas horas por dia. Os resultados apontam que as mães ficavam mais tempo com os filhos que os pais, em especial as do grupo IPC.

Expressão de sentimentos e enfrentamento pelos filhos:

Os pais foram questionados sobre alguns comportamentos socialmente adequados dos filhos, tais como *expressar desejos e preferências, criticar, expressar carinhos e expressar sentimentos de desagrado*.

Com exceção de um participante IPC, todos os participantes relataram que os filhos *expressavam desejos e preferências*, na maioria das vezes, quanto à escolha de roupas e comidas. Nestes momentos, as reações dos pais variavam, desde o incentivo à escolha em todas as vezes (50%) ou parte das vezes (20%) até a recusa do desejo do filho, insistindo na própria opinião (20%). Foi possível observar semelhanças, à medida que a maioria das crianças procurou escolher roupas e comidas e os pais, na sua maioria, permitiam e incentivavam a escolha, atendendo os pedidos razoáveis dos filhos.

No grupo IPC as crianças *criticavam* diante de discussões dos casais, a agressividade dos pais, a recusa e o descuido consigo mesmo. Já no grupo ICSA as críticas ocorreram frente a descuido consigo mesmo, recusa, esquecimento e falta de atenção. As reações dos pais frente às críticas também variaram entre os grupos e entre pais e mães. No grupo IPC as mães relataram responder à crítica, ficar quieta/sem reação ou aceitar a crítica. Já os pais IPC ficavam quietos/sem reação ou explicavam. No grupo ICSA destacaram-se os comportamentos de dar explicações (50%), seguido de aceitar às críticas (30%) e de responder às críticas (H2).

Segundo os pais, as crianças *expressam carinhos*, por meio de beijos, abraços e toques/procura de proximidade. As reações dos pais variavam, no grupo ICSA todos os participantes relataram corresponder através de agradecimentos, beijos, abraços, expressões verbais, aproximação da criança e elogios, porém no grupo IPC, três participantes pareceram socialmente pouco adequados, pois tendiam a fazer ironias do tipo “... *agora eu mereço um beijo!...*”.

As crianças, de ambos grupos, expressavam sentimentos de desagrado quando estavam tristes ou com raiva, devido a algum acontecimento desagradável na escola ou quando eram contrariadas pelos pais. Esta expressão se dava de forma socialmente adequada, (40%) (... *os meninos na escola ficam me chamando de gordinho...*), através de choro (15%), de birras (25%), de xingamentos (apenas dois pais), ficando bravo (um pai) ou expressavam de maneira não verbal (30%) (... *faz bicos*). Ao comparar os relatos de mães e pais percebeu-se que as mães, em especial as ICSA, observaram mais do que os pais a expressão de sentimentos de desagrado dos filhos, de maneira socialmente adequada, o que pode ser atribuído ao fato de ficarem mais tempo com os filhos e de assumirem mais a tarefa de educar, tendo mais oportunidade de observar e limitar os comportamentos dos filhos, expondo-se às suas críticas. Ao comparar os grupos percebe-se que em IPC destacaram-se comportamentos pouco assertivos quanto à expressão de sentimentos de desagrado, à medida que as crianças xingavam, faziam birras ou emburravam, por outro lado, no grupo ICSA a maioria das crianças expressavam verbalmente tais comportamentos, especialmente na perspectiva das mães.

#### **Algumas interações sociais dos filhos:**

Os pais foram questionados sobre comportamentos dos filhos de *fazer amizades* e de *brincar com colegas*. A maioria dos participantes, de ambos grupos, consideraram que os filhos *faziam amizades*. Quando questionados sobre a idade dos amigos verificou-se diferenças entre os grupos, à medida que no grupo IPC apareceram relatos de que os filhos faziam mais amizades com adultos e/ou idosos, indicando dificuldades de interação com pares da mesma idade, o que não foi observado nos relatos dos pais ICSA. Apesar de fazer amizades, alguns pais IPC consideraram que os filhos tinham dificuldades em fazer amizades porque ficavam isolados ou brigavam com facilidade. Pelos dados é possível perceber que apesar da maioria das crianças brincar com colegas e fazer amigos, no grupo IPC chama atenção que cinco participantes deram indícios de que os filhos tinham dificuldades de interação com crianças ou porque preferiam se relacionar com adultos.

Interessante notar que casais grupo IPC são os que relataram menor número de HSE, sendo socialmente menos adequados quanto à prática educativa dos filhos, pois conforme os dados apresentados anteriormente, não faziam perguntas a seus filhos, não expressavam sentimentos ou o faziam somente frente às perguntas das crianças, não expressavam opiniões, tinham dificuldades em cumprir promessas e discordavam quanto às práticas educativas, indicando inconsistência. Além disso, relataram conversar com os filhos mais sobre a escola, possivelmente porque estas crianças requerem maior monitoramento em função de dificuldades acadêmicas e/ou comportamentais. Os pais IPC eram mais agressivos nas práticas educativas que os ICSA e finalmente consideraram que há maior participação das mães na educação dos filhos, indicando pouca participação dos pais.

Os pais foram questionados sobre comportamentos dos filhos de *fazer pergun-*



tas, procurar atenção dos pais, cumprimentar as pessoas, elogiar e tomar iniciativas.

Todos os participantes relataram que os filhos *faziam perguntas*, as quais podem ser classificadas em *perguntas* de solicitação e de oferecimento de ajuda.

Os participantes consideraram que os filhos faziam *perguntas* de solicitação para comprar brinquedos/roupas/alimentos/cosméticos/CDs, para pedir permissão, para fazer passeios, para pedir dinheiro, para esclarecer dúvidas sobre namoro/sexualidade/programas de TV, para esclarecer curiosidades e esclarecer sobre estados emocionais dos pais. A maioria dos pais respondeu atender os pedidos quando podia e, caso contrário, dizer não, dando explicações em parte das vezes, mas chamou atenção relatos de três participantes ICSA que aparentemente tinham dificuldades em dizer não para pedidos dos filhos e acabaram fazendo promessas que, provavelmente, não cumpririam posteriormente. Já quando os filhos solicitavam esclarecimento de dúvidas, curiosidades ou sobre estados emocionais, os pais, em sua maioria, procuravam responder, dando ou não explicações (65%), estando na direção do comportamento socialmente adequado. No entanto, no grupo IPC, três mães IPC e uma ICSA pareceram ter dificuldades em lidar adequadamente com perguntas desta natureza, pois disseram que ou não as respondiam ou as respondiam "por cima". As crianças IPC ofereciam ajuda às mães na realização de tarefas domésticas, já os pais recebiam mais ajuda para lavar ou concertar veículos. Por outro lado, no grupo ICSA, tanto mães como pais recebiam ajuda dos filhos para deveres domésticos e favores, indicando maior divisão de tarefas entre os cônjuges. Os pais, em sua maioria, incentivou o comportamento de ajudar dos filhos através da permissão de ajuda, elogios, agradecimentos, beijos e/ou abraços, mostrando-se socialmente adequados.

A grande maioria dos participantes apontaram diversos comportamentos dos filhos para obter a *atenção dos pais*, tanto socialmente adequados como inadequados. Algumas crianças mostravam desenhos (25%), procuravam proximidade física (35%), faziam perguntas (15%), demonstravam alguma habilidade como andar de bicicleta ou dançar (apenas duas crianças) e brincar ou chamavam para brincar (apenas duas crianças) a fim de conseguirem a atenção dos pais de forma socialmente adequada. Duas mães IPC, apontaram comportamentos inadequados dos filhos como fazer birras, intrometer-se na conversa de adultos ou buscar demasiadamente a proximidade dos pais na presença de visitas para obter atenção, provocando sentimentos de desagrado e reações dos pais de ficar bravo/repreender. Parte dos pais relatou reagir positivamente à atenção dos filhos por meio de elogios (15%), agradecimentos, permitindo a proximidade do filho (20%), atendendo ao chamado do filho, quando possível (10%) ou brincando (10%). Por outro lado, alguns participantes (15%) pareciam não incentivar ou até mesmo punir a busca de atenção dos filhos, por exemplo uma mãe do grupo ICSA relatou não dar atenção para a filha quando ela buscava sua atenção (*...ela tenta desviar a nossa atenção do que a gente está fazendo... Geralmente eu procuro ver [o programa da TV] ... raramente*

*eu dou atenção para ela...).*

Todos os pais observaram que os filhos *cumprimentavam* pessoas conhecidas ou então *cumprimentavam* tanto conhecidas como desconhecidas. Os relatos de pais e mães foram semelhantes, em ambos grupos.

Apenas dois pais relataram que os filhos não *elogiavam*. Os demais participantes receberam elogios em relação à beleza (45%), à roupas (um pai), à trabalho (um pai) e houve crianças que expressavam verbalmente o carinho que sentiam pelos pais (25%) (...*você é bom para mim...*), (...*nossa pai eu adoro ser seu filho...*). As reações dos pais foram, em sua maioria, de incentivo por meio de agradecimentos, beijos e/ou abraços, brincadeiras, elogios e explicações.

Finalmente, em relação a *tomar iniciativas*, três pais IPC relataram não observar tais comportamentos em seus filhos, indicando uma diferença entre os grupos, pois em ICSA todos os participantes apontaram tais comportamentos. As crianças tomavam iniciativas para preparar alimentos (25%), vestir-se (20%), fazer lição (30%), cuidar de animais (15%), realizar tarefas domésticas (25%), cuidar-se e realizar favores.

### **Algumas dificuldades para sociabilidade dos filhos:**

As subcategorias estudadas são: *manifestar hostilidade, colocar fogo, ficar retraído, roubar, destruir objetos, demonstrar irritação, desafiar regras, manifestar inquietude e mentir*”.

*Manifestar hostilidade, colocar fogo e ficar retraído* apareceram somente nos relatos dos pais IPC, mostrando novamente diferenças entre os grupos. Quanto à *manifestar hostilidade* 50% dos pais IPC relataram que os filhos eram violentos contra pessoas e animais. Nestas situações, dois destes pais procuravam conversar/explicar para a criança que estes comportamentos eram inadequados. Já outros dois tendiam a agir menos coerentemente (... *ah, eu nem falo nada, eu fico quieta... eu explico que não pode brigar...*).

Apenas dois pais IPC relataram ter observado nos filhos, uma ou duas vezes, o comportamento de *colocar fogo*, sendo que um deles afirmou também que o filho mexia com fósforos todos os dias, porém, no quintal. Nesta situação a mãe relatou (...*eu já tinha pegado o isqueiro dela e falei... 'Você queima a toalha, vai queimar você e a toalha plástica...*), já outro participante IPC considerou natural mexer com fogo no quintal.

Duas mães e dois pais IPC apontaram que os filhos *ficavam retraídos* ou já ficaram em algum momento.

O comportamento de *roubar* foi apontado por três participantes IPC e por dois ICSA, envolvendo objetos pequenos ou brinquedos vindos da escola. Os resultados mostraram, em ambos grupos, comportamentos isolados de roubar objetos alheios e desta forma não é possível, pelos critérios dos manuais da CID-10 e DSM-IV, considerá-los como indicativos de problemas de comportamento, porém, chamou atenção reações agressivas de um casal IPC e de um ICSA. Parece que a maioria

dos pais IPC comportaram-se de maneira socialmente adequada, à medida que perguntaram ao filho sobre o brinquedo roubado e então explicaram, sem agredir, que tal comportamento era inadequado, facilitando a compreensão da criança, sem prejudicar o relacionamento.

Quatro participantes IPC (40%) e três ICSA (30%) observaram em seus filhos o comportamento de *destruir objetos*. Com base nos resultados observou-se que um número maior de pais IPC, quando comparados aos ICSA, indicou, em seus filhos, o comportamento de destruir objetos, apontando uma diferença entre os grupos.

Segundo os relatos dos pais as crianças quebravam objetos quando estavam irritadas. No entanto, os pais relataram outros comportamentos manifestados pelas crianças frente à *irritabilidade*. Em geral, as crianças irritavam-se quando eram contrariadas, situações em que xingavam (15%), batiam os pés no chão (30%), jogavam-se no chão (apenas uma criança), isolavam-se (duas crianças), dormiam no chão (duas crianças). Comparando os relatos dos grupos observou-se que comportamentos de irritabilidade foram apontados por um número maior de pais IPC. Quando questionados sobre quais reações apresentavam frente à irritabilidade dos filhos, os participantes relataram ignorar tais comportamentos (20%), repreender/ ficar bravos (30%), e/ou agradecer/atender os pedidos (25%).

Ao comparar as respostas dos participantes quanto à subcategoria *desafiar regras* observaram-se diferenças entre os grupos. A maioria IPC (60%) afirmaram que os filhos não atendiam a pedidos e/ou regras colocadas, sendo as reações das mães de insistir no pedido feito, ficar brava ou ora ficar brava, ora ignorar. Já em ICSA somente uma mãe disse (... *quando eu estou falando, ela tampa os ouvidos e diz 'não vou ouvir'...*), além disso, a mãe também relatou que a filha insistia em mexer em lugares proibidos e impedia a mãe de assistir programas de TV, as reações da mãe variaram, desde chamar atenção e conversar até gritar e/ou bater. Os resultados mostraram, que as mães IPC consideravam que os filhos eram desobedientes. Tal dado sugere que os filhos emitiam comportamentos considerados inadequados, mas também reflete o baixo repertório dos pais em colocar e conseqüenciar regras/ limites. Esta diferença entre os grupos indica que os pais do grupo IPC possuíam mais dificuldades interpessoais que os ICSA.

Sete pais IPC (70%) e cinco ICSA (50%) relataram que os filhos *manifestavam inquietude*. Comparando os grupos e relatos de pais e mães observaram-se semelhanças, no entanto, é preciso considerar a naturalidade de certa inquietude em crianças com seis anos de idade e desta forma, torna-se impossível considerar tais comportamentos como indicativos de problemas de comportamento, sugerindo a necessidade de maiores investigações. Novamente pais dos grupo IPC (30%) e do ICSA (20%) relataram observar comportamentos de mentir em seus filhos.

Problemas considerados críticos:

Foi investigado, junto aos pais, se as crianças *manifestavam medo, apresentavam problemas com sono, apresentavam problemas com alimentação, manifestar desatenção e fugir*.

Estes comportamentos foram mais freqüentes para as crianças IPC que para as ICSA. As crianças tinham medo de lobisomem/filmes de terror (três crianças IPC), de ficar sozinho (duas crianças IPC), de insetos (duas crianças IPC), do pai quando estava alcoolizado (uma criança ICSA), de apanhar de colegas (uma ICSA), de apanhar do pai (uma IPC) e de escuro (uma IPC e três ICSA). Os pais reagem, em alguns momentos, de maneira socialmente adequada, procurando conversar e/ou agradar os filhos, com intenção de acalmá-los, porém, em outras situações reagem de maneira inadequada, colocando medo ou punindo. Nestes casos, tais medos poderiam ser evitados frente à mudança comportamental dos pais.

Apenas dois pais IPC relataram que o filho *manifestava problemas com sono*, tais como sonambulismo e pesadelo. As reações dos pais foram de acalmar o filho.

*Problemas com alimentação* foram apontados por três mães IPC (30%) e por duas mães e um pai ICSA (30%). Os exemplos das mães IPC referiram-se a ingestão exagerada de alimentos pelos filhos e, ao contrário, os participantes ICSA relataram que os filhos apresentavam inapetência para certos alimentos. As mães IPC relataram procurar controlar a alimentação dos filhos, colocando o alimento no prato ou evitando comprar certos alimentos. No grupo ICSA os pais afirmaram não insistir para os filhos comerem o que não gostavam, com exceção de um pai que relatou ficar bravo e insistir para a filha ingerir alimentos que rejeitava. Ao comparar os grupos percebeu-se que a preocupação com a alimentação foi maior para as mães que para os pais, além disso, chama atenção que no grupo IPC as crianças pareciam alimentar-se de maneira compulsiva, podendo indicar ansiedade relacionada à práticas educativas coercitivas.

*Manifestar desatenção* foi apontada somente por participantes IPC (30%), os quais afirmaram que os filhos ficavam alheios e/ou não respondiam às solicitações dos pais.

O comportamento de *fugir de casa* foi apontado somente por dois pais IPC. Os pais relataram que o filho fugiu de casa duas ou três vezes, nos últimos quinze dias da data da entrevista, momento em que foi contrariado. Nestas situações os pais reagem de forma coercitiva.

## **DISCUSSÃO**

Ao fazer uma análise mais global percebe-se que as crianças do grupo IPC apresentaram, segundo o relato dos pais, maior número de indicadores de problemas de comportamento, concordando com os manuais da CID-10 e DSM-IV: *manifestar hostilidade, ficar retraído, destruir objetos, demonstrar irritação, desafiar regras e mentir*. Por outro lado, as crianças de ambos grupos (IPC e ICSA) apresentaram muitos comportamentos socialmente adequados, porém as ICSA *expressavam mais adequadamente sentimentos de desagrado, tomavam mais iniciativas e expressavam desejos e preferências*. Tais dados sugerem um estilo diferenciado de educação e a importância dos educadores aproveitarem o repertório socialmente

adequado das crianças, em seu início de escolaridade, a fim de reduzir comportamentos indicativos de problemas de comportamento e aumentar comportamentos tidos como socialmente adequados.

Comparando o relato dos pais sobre o próprio repertório comportamental e dos filhos é possível concluir que o grupo ICSA possuía um maior número de habilidades sociais educativas que o grupo IPC. Desta forma, os pais com mais HSE relataram padrão de comportamentos socialmente mais adequados dos filhos e, ao contrário, pais com dificuldades interpessoais relataram maior número de comportamentos considerados inadequados em suas crianças. Os progenitores IPC, em especial as mães, em maior medida que os ICSA, tenderam a reagir de forma coercitiva aos comportamentos dos filhos, além de observarem menos comportamentos adequados, sugerindo que pouco os consequenciavam positivamente. Pode-se concluir, pelos relatos, que os pais IPC, mais que os ICSA, valeram-se de práticas educativas pouco efetivas, podendo favorecer o surgimento e a manutenção de comportamentos indicativos de problemas de comportamento em suas crianças.

No entanto, ficou claro que os pais, mesmo os IPC, tentavam conversar/pedir antes de punirem, porém, como não conseguiam os resultados desejados, acabavam valendo-se de punições objetivando o controle do comportamento, mostrando déficit de HSE, em especial para IPC, essenciais à promoção de uma educação positiva e efetiva. As HSE investigadas e mais freqüentes para ICSA (*manter conversação, fazer perguntas, expressar sentimentos, opiniões, colocar limites, cumprir promessas, receber críticas e pedir mudança no comportamento do filho*) são consideradas pelos especialistas do campo teórico-prático do treinamento em habilidades sociais (por exemplo Caballo, 1991, Del Prette & Del Prette, 1996 e Del Prette & Del Prette, 1999) como essências à promoção de interações sociais satisfatórias. Além dessas HSE, os pais do grupo ICSA mostraram-se mais consistentes na prática educativa dos filhos, já que havia maior concordância entre o casal e maior participação do progenitor masculino. O presente trabalho confirmou que, nas práticas educativas, as HSE dos pais interferem diretamente no repertório social dos filhos.

Uma prática educativa que prioriza o afeto à repressão, sem contudo esquecer-se dos limites necessários, favorece relacionamentos mais positivos e evita o surgimento de comportamentos inadequados nos filhos. Isto ocorre porque, quando os pais são agressivos, apresentam modelos de comportamentos e, igualmente, oportunizam a observação de suas consequências, na maioria das vezes favoráveis. Da mesma forma, quando os pais são socialmente mais adequados e assertivos com seus filhos estão oferecendo modelos sociais adequados para resolver problemas, obtendo os resultados desejados e evitando o surgimento de problemas futuros.

Os dados mostraram que os pais IPC, com menor número de HSE, apontaram um maior número de indicativos de problemas de comportamento, em seus filhos. Entretanto, como estas crianças também apresentaram muitos comportamentos

socialmente adequados é possível que, se os pais aproveitassem mais educativamente este repertório, os indicativos de problemas de comportamento diminuiriam. Por outro lado, práticas coercitivas para colocar limites no comportamento dos filhos apareceram com freqüência alta também no grupo ICSA, o que alerta para a importância da promoção de trabalhos com pais, de natureza preventiva, a fim de evitar que problemas de relacionamento e indicativos de problemas de comportamento apareçam no futuro, pois como afirma Webster-Stratton (1997), problemas de comportamento podem aparecer na infância ou na adolescência.

Os dados das entrevistas estruturadas mostraram maior participação da mãe na prática educativa dos filhos, em ambos grupos, apesar que em ICSA ocorreu maior divisão de tarefas entre os cônjuges, com maior participação do progenitor masculino. Foram encontradas diferenças entre os relacionamentos mãe-filho e pai-filho, pois as mães relataram conversar mais com os filhos, expressar mais sentimentos e opiniões, colocar limites e elogiar comportamentos adequados. Quando questionadas sobre as estratégias utilizadas para colocar limites nos filhos, as mães relataram, em maior medida que os pais, bater, colocar de castigo, gritar e fazer ameaças, isto é, estratégias coercitivas, apesar de tentarem primeiramente conversar/pedir mudança no comportamento da criança. Uma explicação é que possivelmente elas têm a tarefa de colocar limites e educar os filhos, mais do que os maridos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Traduzido por Luis Antero Rito e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 700.
- Brioso, A. & Sarrià, E. (1995). Distúrbios de comportamento. Em C. Coll, J. Palacios & A. Marchesi (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar* (pp. 157-168). Porto Alegre: Artes Médicas, Vol. 3.
- Caballo, V. E. (1991). El entrenamiento en habilidades sociales. Em V. E. Caballo (Org.), *Terapia y modificacion de conducta* (pp. 403-443). Madri: Siglo Veintiuno.
- CID-10 (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Conte, F. C. (1997). Promovendo a relação entre pais e filhos. Em M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (pp. 165-173). Santo André: Arbytes Editora.

- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9 (2), 287-389.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- De Rose, J. C. C. (1999). Explorando a relação entre ensino eficaz e manutenção da disciplina. Em F. P. Nunes & A. C. B. Da Cunha (Orgs.), *Dos problemas disciplinares aos distúrbios de conduta: Práticas e reflexões* (01-23). Rio de Janeiro: Dunya Editora.
- Ingberman, Y. K. (1997). Terapia comportamental com famílias. Em M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (pp. 230-236). São Paulo: ARBytes Editora, 2<sup>o</sup>. Vol.
- Kaiser, A. P. & Hester, P. P. (1997). Prevention of conduct disorder through early intervention: A social-communicative perspective. *Behavioral Disorders*, 22(3), 117-130.
- Kaplan, H. I., Sadock, B. J. & Grebb, J. A. (1997). *Compêndio de psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 7<sup>a</sup> edição.
- Patterson, G. R.; DeBaryshe, B. D. & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, 44 (2), 329-335.
- Sidman, M. (1995). *Coerção e suas implicações*. Campinas: Editorial Psy II.
- Silva, A. T. B. (2000) Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: Sua relação com as habilidades sociais educativas de pais. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- Skinner, B. F. (1993). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 8<sup>a</sup> edição (Originalmente publicado em 1953).
- Trivelatto, M. de C. & Marturano, E. M. (1999). Crianças com problemas de comportamento associadas a dificuldades de aprendizagem: Um estudo do ambiente familiar. *Anais da XXIX Reunião Anual de Psicologia*, pp. 178-179.
- Webster-Stratton, C. (1989). Systematic comparison of consumer satisfaction of three cost-effective parent training programs for conduct problem children. *Behavior Therapy*, 20, 103-115.

Webster-Stratton, C. (1997). Early intervention for families of preschool children with conduct problems. Em M. J. Guralnick (Org.), *The effectiveness of early intervention* (pp. 429-453). Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co.